

LUTA CLANDESTINA E LITERATURA: DUAS FORMAS DE RESISTIR

Rafaela Souza Maldonado¹
(rafaela_maldonado@hotmail.com)

Resumo: O presente artigo é parte da pesquisa de mestrado, finalizada em 2016, e abordará o tema Literatura e Resistência sob uma perspectiva histórica. Assim, apresentaremos o contexto italiano durante os vinte anos de fascismo e a Segunda Guerra, culminando na invasão da Itália pela Alemanha, fato que despertou os civis para a luta clandestina. Será enfatizada, portanto, a Resistência italiana e os padrões de luta que seguiram seus combatentes. As análises serão feitas a partir de dois objetos: duas obras autobiográficas de autoras que participaram da Resistência italiana e publicaram as memórias a fim de que elas resistissem ao revisionismo histórico. As autoras são Carla Capponi, autora de *Con Cuore di Donna*, e Ada Gobetti, com seu *Diario Partigiano*, militantes em Roma e Turim, respectivamente. O trabalho aborda, então, duas formas de Resistência: a italiana, histórica, que aconteceu a partir de atos de repressão; e a literária, que resiste à tentativa de apagamento da memória.

Palavras-chave: Literatura e Resistência; Resistência italiana; literatura autobiográfica; testemunho.

Abstract: The present article is part of master's research, finished in 2016, and will address the theme of Literature and Resistance from a historical perspective. So, we will present the Italian context during the twenty years of fascism and the Second War, culminating in the invasion of Italy by Germany, awakening civilians to the clandestine struggle. It will be emphasized, therefore, the Italian Resistance and the patterns of struggle that followed its fighters. The analyzes will be made from two objects: two autobiographical works by authors who participated in the Italian Resistance and published the memories so that they resisted historical revisionism. The authors are Carla Capponi, *Con Cuore di Donna*'s author, and Ada Gobetti, with their *Diario Partigiano*, militants in Rome and Turin, respectively. The paper then addresses two forms of Resistance: the Italian, historical, which happened from acts of repression; and the literary, which resists the attempt to erase memory.

Keywords: Literature and Resistance; Italian Resistance; autobiographical literature; testimony.

Resumen: El presente artículo abordará el tema Literatura y Resistencia desde una perspectiva histórica. Así, presentaremos el contexto italiano durante los veinte años de fascismo y Segunda Guerra, culminando en la invasión de Italia por Alemania, despertando los civiles para la lucha clandestina. Se enfatizará, por lo tanto, la Resistencia italiana y los patrones de lucha que siguieron sus combatientes. Los análisis se harán a partir de dos objetos: dos obras autobiográficas de autoras que participaron de la Resistencia italiana y publicaron las memorias a fin de que ellas resistiesen al revisionismo histórico. Las autoras son Carla Capponi, autora de *Con Cuore di Donna*, y Ada Gobetti, con su *Diario Partigiano*, militantes en Roma y Turín, respectivamente. El trabajo aborda, entonces, dos formas de Resistencia: la italiana, histórica, que ocurrió a partir de actos de represión; y la literaria, que resiste al intento de borrar la memoria.

Palabras clave: Literatura y Resistencia; Resistencia italiana; literatura autobiográfica; testimonio.

Nos anos de 1939 a 1945 o mundo viveu um clima de tensão e violência em que os países importantes do Hemisfério Norte se dividiram em eixos que se digladiaram entre si. O motivo que levou alguns países a tomarem posições

¹ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis.

contrárias foi a atitude autoritária e opressora interna e dominação externa dos países ditos inimigo. A esse acontecimento deu-se o nome de Segunda Guerra Mundial. Os países que participaram de forma mais ativa no conflito foram Alemanha, Itália e Japão, potências que formavam o Eixo, enquanto os Aliados eram formados pelas principais potências da época: Estados Unidos, França, Grã Bretanha e a antiga União Soviética. Devemos lembrar que os países do Eixo na época viviam ditaduras que tinham como objetivo a pureza das raças em detrimento de outras consideradas inferiores. Tais ditaduras invadiam alguns países europeus e tentavam dominá-los para expandir seus limites territoriais como foi o caso da invasão a Polônia em 1939 marcando o início da Segunda Guerra. Essa ação da Alemanha sobre a Polônia ia contra o tratado de Versalhes, acordo que marcou o fim da Primeira Guerra.

A Itália entra na Segunda Guerra, em 1940, juntando-se aos países do Eixo por conta das decisões e políticas de seu ditador Benito Mussolini, que demonstrava certa simpatia àquelas ideologias totalitárias de Hitler. Antes de aderir definitivamente à guerra, ao lado da Alemanha, a Itália passou por um processo de crise na política desde o fim da Primeira Guerra mundial que culminou no golpe e ditadura fascista.

Depois do fim da Primeira Guerra a popularidade do governo de Giovanni Giolitti estava em baixa e a população estava descontente com as suas decisões. Em 1919 o Partido Socialista Italiano (PSI) é eleito com o maior número de deputados e, na ocasião, os fascistas receberam poucos votos, pois era um movimento ainda em ascensão. A presença considerável dos socialistas no parlamento é um sinal da tentativa e vontade de mudança no cenário político da Itália dos anos de 1920. A essa altura, sem expectativa de mudança, a classe operária se organizava em greves. Além disso, o PSI também passava por uma crise interna entre os grupos de extrema esquerda e os mais conservadores. Com isso, o PSI se dissolveu dando origem aos partidos fascista e comunista. Tudo isso somado contribuiu para a vulnerabilidade do governo e para o golpe, conseqüentemente.

Foi na marcha sobre Roma em 1922 que o partido fascista intensificou a coação sobre o governo. Na ocasião, os integrantes do partido fascista já estavam com o golpe contra o governo de Giolitti em andamento. Então os chefes fascistas vão até o Parlamento, em Roma, a fim de tomar o governo enfraquecido. Segundo Peccianti (1988), caso houvesse resistência e o plano não saísse como o esperado, Mussolini, que ocuparia o poder e ficara em Milão, fugiria para a Suíça. O plano, porém, se deu a contento dos fascistas e Mussolini foi se apresentar ao Parlamento. A propaganda fascista não soou tão negativa na época, pois a população estava cansada de ser assombrada pela falta de emprego e carência de alimentos, logo queria ver a mudança efetiva. Por isso o movimento teve um apoio expressivo no início, mesmo porque mais tarde vai dar condições de trabalho e terra aos camponeses com a conquista da Guerra na África.

O fascismo ascende na Itália, primeiro como um movimento, em 1919, e transformando-se em partido em 1920, apoiado pelo Rei Vittorio Emanuele III, pela igreja e políticos liberais. Da rápida formação e consolidação, o fascismo toma o poder em 1922, como explicado acima. Para combater essa força política que dominava o poder e que era a favor da guerra, nasce o Partido Comunista Italiano (PCI), fundado por Antonio Gramsci em 1921.

O partido fascista desde sua formação enquanto movimento teve o financiamento dos grandes proprietários de terra e de fábricas, certos de que teriam vantagens quando o fascismo subisse ao poder. Em troca disso o movimento ajudava com repressão aos operários e aos movimentos de greve para conter a “rebeldia” dos grevistas. A verdade é que os fascistas agiam pela força da elite e contra as massas a fim de modificá-las, organizando-as, contendo suas reações e fazendo com que a força operária se voltasse somente para o trabalho. Ou seja, o fascismo manifestava a vontade da elite que era a sua também: neutralizar as reações da massa. Desde que Mussolini rompe com os socialistas e se une aos correligionários que o apoiam parece que a vontade de dominação e o culto ao poder cresce e a forma de uma nova sociedade que foi idealizada é imposta.

Quando foi escolhido Mussolini para assumir o poder ficou claro o tratamento "linha dura" que adotaria em seu governo. Exigiu formas diferenciadas de

tratamento, impôs uma educação militar nas escolas e tirou a liberdade de expressão dos intelectuais, da imprensa e da população. Podemos perceber isso pela forma como Mussolini mandava os militares tratarem os grevistas ou qualquer outro que não respeitasse a sua forma de governar e se manifestava por meio de críticas. A liberdade de expressão começava a ser tolhida, o Partido Fascista dava indícios de uma aproximação aos ideais de anti socialismo e nazismo. Mussolini dizia em seus discursos que “para fazer entrar as nossas ideias na cabeça das pessoas, será preciso soar em seus crânios inaptos o som de cassetete” (PECCIANI, 1988, p.103), declaração que define o que foram os vinte anos do fascismo na Itália. É nesse contexto, de repressão fascista, que vivem as duas mulheres que, mais tarde, vão militar juntamente com uma legião de civis a fim de derrubar o nazifascismo na Itália, Carla Capponi e Ada Gobetti, autoras de obras que reconstróem a Resistência italiana a partir da memória e deixam o legado de luta ao povo italiano.

As autoras em questão lutaram nas regiões do Centro-Norte italiano, sendo Carla em Roma e Ada em Turim, cada uma delas com seguindo os modelos da Resistência em cada lugar. A forma narrativa também é particular em cada uma: Ada Gobetti (1902-1968), faz um diário da Resistência e publica pela primeira vez em 1956. O *Diario Partigiano*, além de trazer as memórias dos dias de luta, porta também reflexões e complementos posteriores. Carla Capponi (1918-2000), publica suas memórias, *Con cuore di donna* em 2000, quando declara perceber a importância de deixar registrada a memória da Resistência contra o revisionismo histórico. As duas obras representarão a Resistência literária neste trabalho.

De fato, Carla Capponi dá testemunhos das vaidades do *duce* (palavra derivada do latim *dux*, que significa “líder”), como gostava de ser chamado Mussolini. A população não tinha mais áreas de lazer ou pontos onde poderiam se reunir. A Praça Venezia e outros pontos de encontro em Roma, nessa época, foram obrigados a fechar, e seus comércios ficaram desertos. Além de evitar aglomeração de pessoas enquanto não havia policiamento e impedir conspirações, a praça também se torna palco para as aparições de Mussolini. A Praça Venezia, especificamente, teve todas as cafeterias fechadas ou transferidas para outros

lugares, “(...) a praça foi destinada apenas às grandes reuniões para os históricos discursos do *duce*” (CAPPONI, 2009, p. 27)².

Foram vinte anos de um governo ditatorial em que a maioria da população sofria com a falta de liberdade de expressão, excesso de trabalho, escassez de alimentos e vendo as regalias da elite e de seus patrões. Um dos reflexos da Segunda Guerra mundial na população da Itália foi a sua politização, que gerou uma enorme mobilização dos cidadãos mostrando seu descontentamento diante do poder, das imposições pelo governo e da crise. A situação chegou ao limite com a decisão de unir o país com os alemães durante a guerra. Ao ver que o apoio de Mussolini a Hitler não estava sendo satisfatório, ele é deposto, preso e o partido é desfeito em julho de 1943.

O *duce* começou seu governo soberano recebendo poderes especiais do Rei Vittorio e comandando o exército nos combates. Durante seu governo, Mussolini, sempre que possível, enaltecia sua grandeza e a soberania do povo italiano, isso para não deixar transparecer ao povo os horrores de seu mandato e não haver contestações ao seu governo, já que nada poderia ir contra ele. Sua ditadura teve reflexos na educação pública com uma reforma bem ao estilo fascista em que os alunos passariam a ser educados como militares, ou seja, o ensino tinha foco na guerra, na preparação desses estudantes para serem enrijecidos e preparados para lutar. O que era ensinado e os livros utilizados eram controlados pelo governo a fim de não disponibilizarem materiais que fizessem qualquer tipo de menção às crueldades do ditador, uma lavagem cerebral foi feita nos alunos da época com a implantação de uma cultura fascista com cerimônias e culto ao poder.

Nesta época Carla Capponi começaria ir à escola ou pelo menos deveria se tivesse nascido em uma família comum. Nas suas memórias há passagens em que ela se lembra da época de quando começa a ter aulas junto com sua irmã. Sua educação intelectual começa em casa por opção de seus pais que não concordam com a educação fascista, aliás, são os próprios pais que dão às filhas as primeiras lições escolares. Além de tomar aulas em casa, com um plano de estudos estipulado

² Tradução nossa de “(...) *la piazza fu destinata solo alle grandi adunate per gli storici discorsi del duce*” (CAPPONI, 2009, p. 27).

por seus pais, ela conta, em sua biografia, que sua família se reunia periodicamente para ler obras clássicas de La Fontaine, irmãos Grimm, Victor Hugo, Walter Scott, entre outros.

No trecho abaixo ela reproduz o prazer que tinha em aprender em casa e como parecia que vivia em um mundo paralelo onde não havia fascismo, sobretudo porque os pais tinham consciência da educação vigente nas escolas da época. Quando vai para a escola normal, em 1929, depois de ter cinco anos de ensinamentos domésticos, Carla percebe a diferença e tem a sensação de prisão na escola em detrimento do ensino livre que sua mãe lhe dava:

Passaram meses, e nós vivíamos longe da realidade quotidiana que se desenvolvia além do muro circundante. De manhã nos empenhávamos a aprender a ler e escrever, porque os nossos pais decidiram que não nos mandariam para a escola, com a esperança de que a aventura fascista no governo terminasse e tudo voltasse como antes. A nossa vida era como cristalizada no espaço daquele “éden”: vivíamos em uma simulação da realidade e éramos felizes (CAPPONI, 2009, p. 27)³.

A respeito da educação, Ada Gobetti também reflete profundamente em seu diário. As duas mulheres passaram pela experiência da reformulação da educação fascista, Carla enquanto aluna e Ada enquanto professora. Ada sonhava com o dia em que o ensino na Itália voltaria a ser reflexivo como em sua época, e temia pelos novos professores que estavam sendo formados pelo fascismo e acreditava que seria melhor fechar as universidades durante a reformulação pós-fascista. A revolta de Ada é tanta quanto ao tipo de educação das universidades, que ela chega a exagerar, e assume seu exagero:

E é necessário jogar fora completamente as velhas Universidades que não correspondem mais nem mesmo minimamente às exigências atuais. Por minha conta – depois da pouco brilhante prova dada durante a Resistência, da maioria dos professores e estudantes

³Tradução nossa de “*Passarono mesi, e noi vivevamo lontane della realtà quotidiana che si svolgeva oltre il muro di cinta. La mattina eravamo impegnate a imparare a leggere e scrivere, perché i nostri genitori avevano deciso di non mandarci a scuola, con la speranza che l'avventura fascista al governo avesse termine e tutto tornasse come prima. La nostra vita era come cristallizzata nello spazio de quell'“eden”: vivevamo in una simulazione della realtà ed eravamo felici*” (CAPPONI, 2009, p. 27).

universitários – fecharia as Universidades por vinte anos (ou talvez exagero: bastariam dez) (GOBETTI, 2014, p. 382)⁴.

Além dos exemplos de insatisfação pela repressão nas escolas podemos enumerar também exemplos de intolerância e opressão que sofria a sociedade da época, principalmente com quem militava contra o governo. Aos que contrariavam a forma de governar do chefe fascista, Mussolini respondia com violência e até com a execução. Dentre os militantes assassinados pelo regime estão Piero Gobetti, Giacomo Matteotti e Giovanni Amendola, que foram mortos brutalmente entre os anos de 1924 e 1926, por denunciarem publicamente o fascismo, como Giacomo Matteotti, ou publicando nas revistas em que colaboravam como Piero Gobetti e Giovanni Amendola. Tanto Amendola quanto Gobetti foram mortos em 1926 vítimas de emboscadas fascistas. Piero Gobetti morre aos 25 anos e sua esposa Ada continuou seu trabalho, contribuindo com o movimento antifascista, entrando para a Resistência em Turim. O casal teve um filho, Paolo Gobetti, que também participava do movimento. Amendola também deixa sua herança para a Resistência, seus filhos Giorgio e Pietro Amendola, que vão lutar na Resistência, em Roma, ao lado de Carla Capponi.

Em 1924 Giacomo Matteotti também sofre uma emboscada ao sair de sua casa, tendo sido sequestrado, torturado e depois assassinado. O fato deu origem ao livro *Delitto Matteotti*⁵, encontrado por Carla Capponi quando jovem nas férias de 1934. A autora conta que pensou, a princípio, tratar-se de um *giallo*⁶, depois se deu conta da veracidade dos fatos e ela e sua irmã constataram que se tratava de um *giallo politico*, que continha desde as acusações que Matteotti fez ao governo até o desfecho da história. Na ocasião Capponi toma posse do livro e distribui versões

⁴Tradução nossa de “*E bisogna buttare all’aria completamente le vecchie Università che non corrispondono piú neanche minimamente alle esigenze attuali. Per conto mio – dopo la poco brillante prova data, durante la Resistenza, dalla maggioranza dei professori e studenti universitari – chiuderei le Università per vent’anni (o forse esagero: basterebbero dieci)*” (GOBETTI, 2014, p. 382).

⁵ O episódio do assassinato de Giacomo Matteotti tomou uma grande proporção no país até mesmo por conta do seu discurso em Turim denunciando o fascismo. Além do livro sobre o caso encontrado por Carla, Piero Gobetti escreve um ensaio intitulado *Matteotti*, que Ada Gobetti relê em certa altura de sua vida, durante a Resistência, conforme ela registra no diário.

⁶ *Giallo* em italiano significa “amarelo”, neste contexto se trata de romance policial, pois as edições italianas desse estilo narrativo traziam a capa amarela.

manuscritas para colegas na escola, atitude que quase causa problemas graves à sua família. Depois do ocorrido, a família tem uma conversa em que esclarece a situação do país. Nas citações que se seguirão trataremos de resumir a história:

Foi em meio a todas aquelas curiosidades que encontramos um opúsculo com o título *Delitto Matteotti* (...). Ficamos impressionadas com a descrição daquela emboscada (...). Fechadas as páginas daquele livreto, em nós se fez um caminho para uma série de interrogações: porque o papai e a mamãe nos manteve escondido aquele episódio terrível? (...) Decidimos nos apossar daquele livreto (...). Preparamos cinco cópias escritas a mão (...). Um dos companheiros de classe a quem havia dado a cópia do opúsculo me advertiu muito alarmado que seu pai o surpreendeu lendo o manuscrito (...) O pai o ameaçou que iria à direção para acabar com aquela “propaganda subversiva” (CAPPONI, 2009, p. 48-49)⁷.

O ano de 1943 é um dos mais críticos para a Itália e para os fatos da guerra, é nesse ano que os trabalhos de Ada Gobetti e Carla Capponi se intensificam: as tropas anglo-americanas desembarcam na Sicília, o país se revoltou em greves de operários e enfrentava uma crise, a popularidade do governo cai drasticamente e, para tentar amenizar o descontentamento, o Rei decreta a prisão de Mussolini em 25 de julho de 1943, concomitantemente à sua destituição pelo *Gran Consiglio del Fascismo*. A reação do povo à queda do fascismo e dissolução do governo é a melhor possível – a própria Ada Gobetti admite que havia reagido com “um riso quase histérico” (GOBETTI, 2014, p. 18), após ter vivido duas décadas de ditadura fascista. A felicidade dos italianos dura pouco, pois o governo, que desde então é comandado pelo Rei e pelo marechal Pietro Badoglio, decide por continuar a guerra ao lado dos alemães. A partir daí ocorrem os quarenta e cinco dias de Badoglio no poder (25 de julho a 8 de setembro), e a assinatura do armistício.

Resumindo Fabris (1996), em 03 de setembro de 1943 foi assinado, pelo governo Badoglio o “armistício curto” com os anglo-americanos em Cassibile. O

⁷ Tradução nossa de “*Fu in mezzo a tutte quelle curiosità che troviamo un opuscolo dal titolo Delitto Matteotti (...) Restammo impressionate dalla descrizione di quell’agguato (...) Chiuse le pagine di quel libretto, in noi si fecero strada una serie di interrogativi: perché mai il babbo e la mamma ci avevano tenuto nascosto quel tremendo episodio? (...) Decidemmo di impossarci de quel libretto (...) Preparammo cinque copie scritte a mano (...) Uno dei compagni di classe a cui avevo regalato la copia dell’opuscolo mi avvertì molto allarmato che suo padre lo aveva sorpreso a leggere il manoscritto (...) Il padre lo aveva minacciato di recarsi dal preside per stroncare quella che definiva ‘propaganda sovversiva’*” (CAPPONI, 2009, p.48-49).

evento consistiu no cessar dos ataques aos aliados. Essa ação foi divulgada apenas cinco dias mais tarde, em 08 de setembro, pois a situação causaria tensão na relação entre a Itália e a Alemanha, já que o país acabava de se render aos aliados (FABRIS, 1996).

Após a mudança de lado da Itália no conflito, o exército alemão ocupa o país e liberta Mussolini, seu aliado desde sempre, este constitui um governo paralelo ao de Badoglio e do Rei, a República de Saló. O Rei e Badoglio, ameaçados, se retiram de Roma e vão para Brindisi, no Sul, pois a cidade já havia sido libertada pelos Aliados e lá não correriam riscos de sofrer ataques. O governo paralelo sobre o qual Mussolini se fez chefe novamente se localizava ao norte, onde o antigo governo e os aliados não tinham acesso ainda, pois foram construídas linhas estratégicas que impediam o avanço das tropas anglo-americanas. Assim, observamos que a Itália se encontrava num desgoverno e, com sua rendição e mudança de posição, se torna alvo dos alemães em quase todo o território e dos Aliados que combatiam o nazifascismo instaurado no norte.

Muito rapidamente, logo que a Itália começa a sofrer essa nova pressão, é criado o *Comitato di Liberazione Nazionale* (CLN). Essa entidade foi organizada por partidos antifascistas e visava a liberação do país da ocupação nazista com o apoio de movimentos organizados por civis. O CLN tenta ser reconhecido como governo, mas não é legitimado pelos anglo-americanos, ou seja, há também a recusa de ajuda aos italianos por parte dos Aliados, apenas ao Rei e ao marechal Badoglio era concedido o estatuto de governo. Do CLN, parte a ideia de se formar um exército voluntário e clandestino que vai resistir às forças nazifascistas. Em 26 de setembro de 1943 Badoglio assinou o “armistício longo”, traduzindo a rendição incondicional. Em 13 de outubro finalmente o país declara guerra à Alemanha, e as forças Aliadas reconhecem a aliança com a Itália. No ano seguinte, em abril, o Rei renuncia em favor de seu filho Humberto II e, meses depois, em 4 de junho de 1944, Roma é libertada e os Aliados avançaram na península durante o inverno de 1944-1945. Carla Capponi registra o momento em sua obra:

Em quatro de junho entram em Roma as primeiras sessões da Quinta armada aliada, provenientes do fronte de Anzio e de Cassino;

escoaram pelas ruas consulares, Appia, Tuscolana, Casilina, Prenestina, Tirbutina, no mesmo momento em que as últimas levas de alemães fugiam para o norte. De San Lorenzo à praça Venezia a multidão saiu às praças para acolher os libertadores. À via Tasso os últimos torturadores nazifascistas carregaram sobre dois caminhões os patriotas poupados no fuzilamento do Forte Bravetta, nas deportações e no massacre das fossas Ardeatine (CAPPONI, 2009, p. 302)⁸.

O exército de civis que se formou logo após a ocupação da Alemanha era chamado de *partigiano* e compunha o movimento de Resistência. Mesmo sem o reconhecimento das tropas anglo-americanas, e atuando na clandestinidade, eles permaneceram firmes até abril de 1945, nos últimos dias da guerra, e liberaram várias regiões sem ajuda militar, pois os exércitos Aliados não haviam avançado. A chegada efetiva ao centro-Norte da Itália só se consolidou com a dissolução da linha gótica, uma das estratégias alemãs, que cortava o país com o intuito exatamente de retardar o avanço anglo-americano.

Os *partigiani* eram civis que se refugiavam nas montanhas da Itália após o armistício para esquivar-se dos alemães, mas não apenas isso. Eles tentavam se defender por meio de ataques aos alemães enquanto se escondiam deles. E havia quem pensasse que os *partigiani* agiam na covardia, porém, foi a forma que eles encontraram para driblar as forças alemãs, nos Alpes por exemplo, já que seu poder de fogo era menor e às vezes dependiam dos fracassos do inimigo. No geral, os que se escondiam nas montanhas eram jovens que não queriam ser recrutados para fazer parte dos exércitos fascistas (BOCCA 1995), como é o caso de Paolo Gobetti, filho de Ada. Com o passar do tempo e as formações políticas, os *partigiani* organizaram-se em verdadeiros grupos armados para libertação e que pareciam ter experiência na luta, além da experiência política.

Todos os partidos italianos, os comunistas, católicos, socialistas e liberais, tinham seus grupos de *partigiani* que lutavam na Resistência italiana, mas no

⁸Tradução nossa de “*Il quatro giugno entrarono a Roma i primi reparti della Quinta armata alleata, provenienti dal fronte di Anzio e di Cassino; confluirono per le vie consolari, appia, Tuscolana, Casilina, Prenestina, Tiburtina, nello stesso momento in cui gli ultimi reparti tedeschi fuggivano verso nord. Da San Lorenzo a piazza Venezia la folla si riversava nelle piazze ad accogliere i liberatori. A via Tasso gli ultimi aguzzini nazifascisti caricarono su due camion i patrioti risparmiati alle fucilazioni di Forte Bravetta, alle deportazioni e al massacro delle cave Ardeatine*” (CAPPONI, 2009, p. 302).

combate ao nazifascismo uniram-se num comando unificado do “Corpo Voluntário da Liberdade” representado pelo CLN. O grupo de defesa *partigliano* organizava operações de sabotagem, guerrilha, atentados contra o poder alemão local, agitavam as cidades ocupadas pelos alemães. A população era favorável à Resistência *partigliana* e suas ações em muitas regiões, principalmente no norte, e até ajudavam os militantes; os camponeses, por exemplo, forneciam alimentos e esconderijos para eles. As mulheres, nas cidades, distribuíam jornais clandestinos, levavam mensagens para outros grupos e até bombas, para eventuais ataques, escondidas em suas bolsas. As mulheres faziam trabalhos de transporte de informações e artefatos pequenos por não despertarem suspeitas, porém algumas chegaram a partir para ação direta. Evidentemente, essas ações não ficavam impunes, quando eram descobertos os inimigos respondiam aos italianos com muitas mortes.

O movimento de Resistência começa a se organizar logo que se percebem os primeiros eventos das ocupações e invasões, diferente de países como a França, Polônia, Bélgica e Holanda, que reagiram meses depois de serem tomados, isso porque o país já vivia sufocado com o fantasma do fascismo há quase vinte anos, portanto as invasões foram a gota d’água para que houvesse um levante popular.

Os antifascistas antigos que foram silenciados voltaram do exílio. Depois da deposição de Mussolini, eles se juntaram a um novo antifascismo que amadureceu na Itália, acompanhou os rumos do fascismo e viu a condenação de seus heróis. Ada Gobetti saúda, em seu livro, aqueles que voltaram do exílio. No contexto do trecho que será reproduzido, Ada se encontra animada por um sentimento de alegria ao ter de volta seus amigos. O fragmento faz parte do início de sua narrativa, em que ela estabelece a tarde do dia 10 de setembro de 1943 em Turim, quando ela avista os veículos alemães, mas não se dá conta de que naquele momento havia perigo no ar. Ao contrário, imaginava que sua cidade estivesse segura. Nos dias anteriores, os “quarenta e cinco dias badoglianos” (25 de julho a 8 de setembro), Ada vivera a atmosfera de excitação e mantinha atividades de distribuição de manifestos, mas nem poderia supor o que aconteceria desde que ouvira, clandestinamente, a notícia da queda do fascismo em julho daquele ano:

(...) e a casa cheia de gente; e todos os amigos que se podia agora ver livremente; e aqueles que dia após dia, voltavam do confino, do exílio, do cárcere – Rossi e Ginzburg, Venturi e Foa; e a excitação da primeira impressão semiclandestina; um turbilhão em que era belo sentir-se envolver, uma alegria que parecia uma justa recompensa por tantos anos de isolamento (GOBETTI, 2014, p.03)⁹.

Turim, felizmente, adere imediatamente à luta armada e começa a recolher fundos e armas. A cidade era o berço dos intelectuais que discutiam sobre política e tiveram que se exilar. Por sorte eles conseguem se organizar rapidamente, pois como se localiza longe do centro, e principalmente do sul, as tropas Aliadas demoraram a chegar. No decorrer da Resistência se forma no norte da Itália o *Comitato di Liberazione Nazionale dell'Alta Italia* (CLNAI), criado para engajar e unir as regiões do norte.

Os grupos de civis tinham uma lógica partidária, e em cada lugar poderiam aderir a um segmento. Por exemplo, existiam os *garibaldini* (de ideologia comunista) mais populares na Emilia e na Liguria, *gapisti* (proveniente do GAP, *Gruppo d'Azione Patriotica*, também de iniciativa comunista), com bastante força em Roma e *giellisti* (que corresponde à sigla G.L. do grupo *Giustizia e Libertà*), mais populares no Piemonte (CHABOD, 1961, p. 131-132). A Resistência contava ainda com os autônomos que não estavam ligados a nenhum partido. Em Roma, o grupo ao qual pertencia Carla Capponi era o GAP, um grupo bastante rígido, tanto que é aos poucos que Carla se infiltra no grupo. Primeiro ela permite que sua casa sirva de “quartel” clandestino para reuniões, depois consegue por si só arrumar uma arma e só depois de muita demonstração de fibra ela consegue participar de ações do grupo. Transcorrido um certo tempo, Carla precisa se ausentar com alguns companheiros, pois entra para a clandestinidade total (CAPPONI, 2009, p. 157). Em Turim, a linha que Ada Gobetti segue é liberal, sua aspiração é democrática. O grupo é proveniente do *Partito d'Azione*, que espalhava os CLN's pelo norte do país.

⁹Tradução nossa de “(...) e la casa piena di gente; e tutti gli amici che si potevano ormai vedere liberamente; e quelli che giorno per giorno, tornavano dal confino, dall'esilio, dal carcere- Rossi e Ginzburg, Venturi e Foa; e l'eccitazione della prima stampa semiclandestina; un turbine in cui era bello sentirsi trascinare, una gioia che pareva un giusto compenso a tanti anni d'isolamento” (GOBETTI, 2014, p.03).

Roma, por exemplo, era um dos lugares onde o embate era direto. Era considerada cidade aberta, ou seja, a cidade tinha livre acesso e ajuda dos aliados. Por ser cidade aberta, recebia um grande número de refugiados das cidades ao redor: “Roma tinha se tornado o refúgio de todos os habitantes das cidades destruídas pelos bombardeios” (CAPPONI, 2009, p. 118)¹⁰.

Em Roma, por conta da presença dos aliados, o movimento *partigiano* teve pouca aderência, isso porque a população esperava muito das tropas anglo-americanas. A propaganda que se fazia dos grupos resistentes era de que planejavam ataques terroristas, o que causava medo e reprovação, por isso em alguns locais não houve a chamada insurreição, a rebelião civil contra a ordem nazifascista (BOCCA, 1995).

Nos distritos de Roma havia um tipo de Resistência dividido entre a Resistência popular de jovens rebeldes, que tendia a agir de forma abrupta, por meio de atentados e a Resistência de intelectuais e operários do movimento trotskista *Bandiera Rossa*, movimento de caráter proletário que tentava organizar as massas em Roma. Esse tipo de organização falhou em Roma e a Resistência foi mesmo feita de forma conspiratória. O movimento em Roma parece ter sido marcado pela desunião e despolitização. Mesmo passando por um longo período de insatisfação, a população não se mobiliza, a participação feminina é pouco estimulada pelos comandantes do GAP, deixando as combatentes na retaguarda, poucas, como cita Giorgio Bocca (1995), estão na frente de batalha como Carla Capponi, que mesmo assim dá testemunho da dificuldade que tinha para conseguir participar das ações - os representantes do grupo resistiam em deixá-la pegar em armas e ela precisa arrumar uma forma de conseguir a sua, essa forma é roubando:

Eu também queria adquirir arma que me era constantemente negada pelos companheiros do GAP porque, segundo eles nós mulheres devíamos nos limitar a mascarar a presença deles nos lugares dos ataques fingindo ser as namoradas: estavam convencidos que, assim, correriam menos riscos (CAPPONI, 2009, p.125)¹¹.

¹⁰Tradução nossa de “Roma era divenuta il rifugio di tutti gli abitanti dei paesi distrutti dai bombardamenti” (CAPPONI, 2009, p. 118).

¹¹ Tradução nossa de “Anch’io volevo procurarmi un’arma che mi veniva costantemente negata dai compagni dei GAP perché, secondo loro, noi donne dovevamo limitarci a mascherare la loro

Mesmo com a relutância da parte do GAP em ceder armas, Capponi participa de um dos ataques mais famosos de Roma: o ataque a via Rasella, em vinte e três de março de 1944, que desestabilizou o exército fascista, pois era um local de grande concentração. Em seguida reproduziremos um trecho de Carla explicando como se deu a emboscada. Antes disso, ela descreve a ação e elenca seus envolvidos. Após o atentado, o movimento em Roma passou por péssimos momentos. O Comando alemão ordena que “... para cada alemão morto serão fuzilados dez comunistas criminosos badoglianos” (CAPPONI, 2009, p. 239)¹²:

Estávamos na esquina e voltamos. Quando de repente a explosão: uma rajada de vento violenta os atingiu e nos empurrou para frente, o ônibus capotou sobre a calçada, os policiais fugiram e nós corremos rapidamente, na subida, sob um tiroteio pesado, enquanto os golpes ao nosso redor quicavam no chão e pequenos pedaços de gesso caíam sobre nós das paredes dos edifícios(CAPPONI, 2009, p. 234)¹³

A ordem dada pelas autoridades alemãs foi cumprida no dia seguinte, o problema é que nem todas as mais de 300 vítimas integravam a lista dos comunistas terroristas caçados pelos nazistas. Civis que passavam pela rua do atentado foram mortos na ocasião que recebeu o nome de *Fosse Ardeatine* (Fossas Ardeatinas).

No caso de Turim, cidade onde atuou Ada Gobetti, e que está localizada na região do Piemonte, no norte do país, as tropas aliadas demoraram ainda mais a chegar e, de certa forma, a adesão ao movimento *partigiano* foi muito significativa, pois os civis que não estavam engajados com o movimento propriamente dito, ajudavam de outras formas com esconderijos e mantimentos.

A união da população foi importante para a aceitação do movimento clandestino e o aumento do número de civis que aderiram à Resistência,

presenza nei luoghi degli attacchi fingendo di essere le fidanzate: erano convinti che, così, avrebbero corso meno rischi” (CAPPONI, 2014, p. 125).

¹² Tradução nossa de “(...) *per ogni tedesco ammazzato siano fucilati dieci criminali comunisti badogliani”* (CAPPONI, 2009, p. 239)

¹³ Tradução nossa de “*Eravamo all’angolo e svoltammo. Quand’ecco l’esplosione: una ventata violenta ci investì e ci spinse in avanti, l’autobus sbandò sul marciapiede, i poliziotti fuggirono e noi subito a corere, in salita, sotto una fitta sparatoria mentre i colpi intorno a noi rimbalzavano sul selciato e piccole schegge di intonaco ci cadevano addosso dalle pareti dei palazzi”* (CAPPONI, 2009, p. 234).

proporcionando ganho de experiências na luta clandestina. Nas cidades onde os aliados não chegaram esse aumento foi importante para a liberação total delas pelos grupos *partigiani*. Por meio de greves, os operários das fábricas ajudavam a boicotar o regime colaboracionista, que agia por ordens do invasor e enrijecia ainda mais os efeitos da guerra. Em novembro e dezembro de 1943, porém, como resultado, houve bombardeios que mataram dezenas de operários. No diário de Ada Gobetti, nos trechos que correspondem a esse período, foram documentadas muitas prisões de seus conhecidos e companheiros do movimento, relatos de ataques e, no meio disso, ela acaba confessando sua angústia por meio de notas posteriores: “A angústia daqueles dias foi tão grande que não tive forças de fazer nem mesmo as anotações costumeiras” (GOBETTI, 2014, p.31)¹⁴.

Ada Gobetti torna-se uma espécie de porta-voz e organizadora que mantém relações com o CLN de Turim. No diário de Ada percebemos o tipo de contato que os grupos mantinham entre si, vemos contatos com Val Pellice, Val Chisone, entre outros, além de grupos na província de Cuneo. Em um diálogo ao telefone com Paolo Braccini, representante do *Partito d’Azione* no Comitê Militar do Piemonte, eles conversam sobre animais, cães e cavalos, que servem de códigos para não chamar a atenção de possíveis grampos telefônicos. Fica claro no diário que os cães se referem aos ingleses, que se dispunham a atravessar a linha para o sul, para estabelecer contato com essas áreas, mas quanto aos cavalos, neste contexto não podemos saber direito a que se referia. A título de ilustração reproduziremos o diálogo:

-Sabe, senhora, encontrei outro cão da mesma raça daquele que me mostrou ontem à noite.

-Ah, sim?

-Seria interessante que você visse: mais ainda porque o meu deve ir embora logo, em um clima mais quente. [Não era difícil entender que se tratava de um outro inglês, que se dispunha a passar a linha até o sul]. Não parece para a senhora também?

-Sim, certo, combinamos amanhã, [isto é, segundo o acordo feito ontem, às oito e meia da manhã no mercado onde faço compras antes de ir à escola]. A propósito, viu os cavalos que te mandei?

¹⁴ Tradução nossa de “*L’angoscia di quei giorni fu così grande che non ebbi la forza di buttar giù neanche i soliti appunti*” (GOBETTI, 2014, p.31).

-Quais? Aqueles da semana passada?

-Não, outros dois cavalos (GOBETTI, 2014, p.50)¹⁵.

No fim do ano de 1943 o movimento *partigiano* já é esclarecido e bem constituído – o Piemonte é, segundo Giorgio Bocca (1995), a região-guia, há tradição militar, o movimento tem experiência e é independente. A politização operária e as greves, como as de Turim, ajudaram a região a se posicionar e manter o *status* de uma região bem sucedida na efetivação da Resistência. Não é por acaso que a insurreição desta região se dá quase apenas pelo trabalho dos *partigiani*. As divisões da região são unidas e articuladas. Ada Gobetti menciona em seu texto que cada um sabe o que fazer, eles lutam pelos interesses da nação e não apenas de seu território. A batalha do Piemonte se inicia dia 25 de abril de 1945, em 26 de abril Turim já é cidade aberta; a chegada dos aliados acontece seis dias depois, no dia 1º de maio de 1945.

No final da guerra, em abril de 1945, segundo Chabod (1961), as aspirações revolucionárias se dissolveram definitivamente, a administração passa ao CLN, enquanto os partidos começariam a se reagrupar, os quais possuem força principalmente militar, mas isso não é suficiente nas eleições, porém inicialmente a divisão dos cargos políticos se dá igualmente entre eles. Depois do fim da guerra e com o país todo liberado, o CLN começa a despontar nas outras partes do país, isto é, desconcentrar-se do norte, no entanto, para as outras partes do país, essa organização era desconhecida, pois seus membros tinham contato somente com as forças armadas aliadas, e as pessoas se perguntavam o que eram os comitês de liberação. Em oposição ao CLN, o movimento *L'uomo qualunque*, fundado pelo jornalista Guglielmo Giannini, toma força política nas eleições de 1946, mas perde força em 1948. A força desse movimento foi uma reação do centro-sul contra as

¹⁵ Tradução nossa de “-Sa, signora, ho trovato un altro cane della stessa razza di quello che m’ha fatto vedere iersera./ -Ah, si?/ -Sarebbe interessante che si vedessero: tanto piú che il mio deve andar via presto, in un clima piú caldo. [Non era difficile capire che si trattava di un altro inglese, che si disponeva a passar le linee verso il sud]. Non pare anche a lei?/ -Sì, certo, combiniamo domani [e cioè, secondo l’accordo preso ieri, alle otto e mezzo del mattino sul mercato dove faccio la spesa prima d’andare a scuola]. A proposito, ha visto i cavalli che le ho mandato?/ -Quali? Quelli della settimana scorsa?/ -No, altri due cavali” (GOBETTI, 2014, p.50).

aspirações do norte (CHABOD, 1961, p. 140), ou seja, aparentemente o sul não aceitava a organização dos CLNs.

Logo depois do fim da ocupação, o país era governado por Alcide de Gasperi, secretário da Democracia Cristã, um partido novo, fundado depois da queda do fascismo, e que deu início a uma nova era na política italiana. Em 1946 os italianos decidem por meio de plebiscito se queriam o regime republicano ou monárquico para reger o país e elegem a Assembleia Constituinte para preparar uma nova constituição. A campanha eleitoral era composta por quatro partidos: Partido Socialista, Partido Comunista, Democracia Cristã e Partido Republicano. A monarquia tentava convencer os eleitores de que a República era um risco para o país. As pessoas voltaram a votar depois de muito tempo, e puderam votar todos os homens e as mulheres com mais de 21 anos¹⁶.

A República teve a maioria dos votos com resultado favorável, e isso, para Chabod (1961), foi um ponto essencial do programa da Resistência e marca o fim dela. Agora o movimento havia efetuado seu último desejo. O Rei foi deposto e deixou a Itália. Enfim, o país era uma República. Mas o que ficou combinado no fim da Resistência era que os prefeitos e superintendentes dos CLN's que não eram funcionários de carreira seriam convidados a entrar para a administração e se tornar funcionários do estado, mas a maioria não aceita. Então esses cargos voltam para forças conservadoras. Segundo Chabod, “politicamente termina com o sucesso daqueles que podemos chamar os ‘moderados’” (CHABOD, 1961, p. 144), com este termo, compreendem-se os liberais que não terão apoio nas eleições e democristianos (referente à *Democrazia Cristiana*) burocratas que, ao contrário, vencerão. Sobre a vitória da direita, Ada Gobetti, comenta em seu diário que se iniciará uma nova luta contra o conservadorismo (GOBETTI, 2014).

Para Trevisan (2000), a produção de testemunhos pelos *partigiani* documenta eventos da Resistência de um ponto de vista objetivo, porém o material oferece um

¹⁶ A conquista do voto feminino na Itália foi uma das vitórias das mulheres *partigiane*. Até então faltava formação política nas mulheres e consciência do seu papel na sociedade. Depois da intervenção feminina e formação de movimentos de mulheres na Resistência é que elas conquistaram visibilidade de seu poder de transformação social. Poder que não era percebido antes quando atuavam apenas no interior da família.

oportuno campo de investigação para os estudos literários, assim como mostram possibilidades de aproximar diferentes tipos de escrita e os diversos ângulos a partir dos quais quem escreve se retrata dentro das histórias narradas, ou seja, podemos ter a chance de refletir sobre a diversidade de autoconsciência e dos padrões de pensamento com os quais o memorialista transmite noções sobre a arte de escrever sobre si. As memórias da Resistência revestem-se de uma importância maior quando observamos que podem receber investigações e pesquisas tanto no campo da história, com as referências factuais e autorretratos, quanto do imaginário e da qualidade literária.

Desde que se iniciaram os conflitos e as guerras da era moderna são produzidas obras que tratam da violência vivida sob esses cenários, elas surgem a partir de um movimento de escritores, artistas e cineastas engajados em representar a realidade. As produções literárias podem tratar de denúncias ou experiência das pessoas que presenciaram os conflitos, viveram as hostilidades ou lutaram contra a opressão da ditadura dessa época, principalmente nos países Europeus em que foram organizados movimentos populares que combateram a manipulação do poder e dominação do invasor. A literatura com a temática da Resistência abre a discussão para o contexto de criação das obras com esse tema, que tanto pode ser anterior, contemporânea ou posterior a esse fenômeno.

As obras autobiográficas, divulgadas neste artigo, além de tratarem do fenômeno histórico da Resistência italiana, também funcionam como objeto de resistência, pois perpetuam as experiências vividas na Itália do fascismo e da Segunda Guerra e valorizam, principalmente, o valor do testemunho, sobre esse conceito observamos na obra de Seligmann- Silva (2003) a defesa do testemunho de períodos como este nos dias atuais.

A história dos *partigiani* e a liberação do país conquistada por eles frequentemente é comemorada, porém trata-se de uma memória subterrânea, muitas vezes de conhecimento oral, mas que precisam ser enaltecidas como a história e cultura de que um povo carrega sobre uma determinada época, assim como Pollack defende a valorização da memória subterrânea. Essas, e outras obras de temática da Resistência, vêm para trazer a tona os ideais, as dificuldades, as

lutas e a esperança daqueles dias, resistindo à ação do tempo, ao revisionismo histórico e a visão conservadora da história.

Referências

BOCCA, Giorgio. **Storia dell'Italia partigiana**: Settembre 1943 – Maggio 1945. Milano: Mondadori, 1995.

CAPPONI, Carla. **Con cuore di donna**. Il Ventennio, la Resistenza a Roma, via Rasella: i ricordi di una protagonista. Milano: Il Saggiatore, 2009.

CHABOD, Federico. **L'Italia Contemporanea (1918-1948)**. Turim: Einaudi, 1961.

FABRIS, Mariarosaria. **O neo-realismo cinematográfico italiano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1996.

GOBETTI, Ada. **Diario partigiano**. 5. ed. Torino: Einaudi, 2014.

PECCIANI, Maria Cristina. **Storie della Storia d'Italia**. Torino: Marietti-Mazuoli, 1988.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3- 15.

SELIGMANN-SILVA. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

TREVISAN, Myriam. **The Italian “Resistenza”**: Women writings. Paper apresentado na quarta conferência na European Feminist Research Conference “Body, Gender, Subjectivity: Crossing Disciplinary and Institutional Borders”. 28 set – 01 out 2000. Disponível em <<http://www.women.it/cyberarchive/files/trevisan.htm>>. Acesso em 01 abr 2012.

Recebido em: 14/06/2017

Aceito em: 25/10/2017